

A REPRESENTAÇÃO DO ACRE “COMO PARQUE DOS DINOSSAUROS” NO PERFIL DO FACEBOOK DESACREDITADOS

THE REPRESENTATION OF ACRE AS “JURASSIC PARK” ON THE FACEBOOK DESACREDITADOS

LA REPRESENTACIÓN DE ACRE COMO “PARQUE DE DINOSAURIO” EN EL PERFIL DE FACEBOOK DESACREDITADOS

Francielle Maria Modesto Mendes ¹
francielle.mendes@ufac.br

Jéssica Karoline dos Santos Linhares ²
jessica.linhares@sou.ufac.br

RESUMO

O objetivo é analisar as representações sobre o estado do Acre produzidas pelo perfil do Facebook DesACREditados. A página de humor foi criada em dezembro de 2014 por Lucas Dutra e Wesley Santos. A pesquisa se justifica pela necessidade de entender o porquê deste estado nortista ser visto como lugar atrasado, primitivo e exótico a partir da relação com a imagem de dinossauros apresentada pelo perfil estudado. A metodologia utilizada é a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. Para esta análise qualitativa, foram coletados 36 memes organizados em sete categorias, mas por questões didáticas e metodológicas somente uma delas, com doze memes categorizados, será estudada. O referencial bibliográfico se baseia em estudos de autores como Stuart Hall, Homi Bhabha, Ana Pizarro, Neide Gondim, Durval Albuquerque Junior, entre outros que discorrem sobre representações, estereótipos e Amazônia brasileira.

Palavras-chave: Representação. Facebook. DesACREditados.

¹ Professora Doutora do curso de graduação em Jornalismo e da Pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Acre (Ufac).

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Acre (Ufac).

ABSTRACT

The objective is to analyze the representations about the state of Acre produced by Facebook DesACREditados. Lucas Dutra and Wesley Santos created the humor page in December 2014. The research is justified by the need to understand why this northern state is seen as a backward, primitive and exotic place based on the relationship with the image of dinosaurs presented by the profile studied. The methodology used is Laurence Bardin's Content Analysis. For this qualitative analysis, 36 memes were collected, organized into seven categories, but for didactic and methodological reasons, only one of them, with twelve categorized memes, will be studied. The bibliographic reference is based on studies by authors such as Stuart Hall, Homi Bhabha, Ana Pizarro, Neide Gondim, Durval Albuquerque Junior, among others who discuss representations, stereotypes and the Brazilian Amazon.

Key words: Representation. Facebook. DesACREditados.

RESUMEN

El objetivo es analizar las representaciones sobre el estado de Acre elaborado por el perfil de Facebook DesACREditados. La página de humor fue creada en diciembre de 2014 por Lucas Dutra y Wesley Santos. La investigación se justifica por la necesidad de comprender por qué este estado norteño es visto como un lugar atrasado, primitivo y exótico a partir de la relación con la imagen de los dinosaurios que presenta el perfil estudiado. La metodología utilizada es el Análisis de Contenido de Laurence Bardin. Para este análisis cualitativo se recolectaron 36 memes, organizados en siete categorías, pero por razones didácticas y metodológicas se estudiará solo uno de ellos, con doce memes categorizados. La referencia bibliográfica se basa en estudios de autores como Stuart Hall, Homi Bhabha, Ana Pizarro, Neide Gondim, Durval Albuquerque Junior, entre otros, que discuten representaciones, estereotipos y la Amazonía brasileña.

Palabras clave: Representación. Facebook. DesACREditado.

1 INTRODUÇÃO

Em janeiro de 2020, a secretária estadual de Turismo e Empreendedorismo do Acre, Eliane Sinhasique, fez uma enquete em suas redes sociais para saber se os acreanos aprovavam a instalação de dinossauros gigantes na entrada da cidade de Rio Branco, capital do estado. “Para Sinhasique, o pórtico com dois dinossauros gigantes poderia se tornar um grande atrativo e constatar aos turistas que o Acre, de fato, existe” (AC24HORAS, 09 de janeiro de 2020). Apesar da concordância de 68% de seus seguidores do Instagram, a secretária declinou da ideia dias depois, em 17 de janeiro do mesmo ano, quando informou publicamente que seria colocada a imagem de Plácido de Castro³ em seu cavalo na entrada da cidade (JORNAL OPINIÃO, 2020).

A princípio, a vontade da secretária era usar a imagem dos dinossauros para reverter “a chacota [na internet] de que o Acre não existe” (GADELHA, 2020). Segundo a pesquisadora Giselle Lucena, em meio aos conteúdos impulsionados pelas “interações midiáticas, uma singular representação relacionada a um contínuo territorial e temporal, sobre o Estado do Acre, afirma categoricamente que ‘o Acre não existe’”⁴ (LUCENA, 2014, p. 10). A autora argumenta que o “Acre enfrenta, desde sua origem, processos históricos de disputas e conflitos políticos que produziram representações coletivas e alimentaram um imaginário marcado por estereótipos muito singulares” (LUCENA, 2014, p. 10).

Além dos estereótipos que embasam uma narrativa de negação sobre a inexistência do Acre, há também a ideia de distanciamento da Amazônia brasileira como um todo, por causa do afastamento geográfico dos grandes centros São Paulo-Rio de Janeiro; além da criação de narrativas míticas, de atraso, primitivismo e exotismo – o que envolve também a presença de animais pré-históricos como os dinossauros. Como dito por Queirós e Mendes (2018), a “não existência” do Acre revela a necessidade de atribuição de significado para que o estado, então, possa existir. Porém, o processo de significação é cíclico e o mantém no patamar dos lugares “não existentes”:

³ José Plácido de Castro era um político nascido no Rio Grande Sul, que foi líder do que se convencionou chamar no Acre de “Revolução Acreana” no início do século XX, contribuindo na disputa do Acre entre Brasil e Bolívia. Até agosto de 2022, o pórtico não foi colocado.

⁴ Em 2013, Paulo Silva Junior publica o livro *O Acre existe*, que consiste nos relatos de uma viagem feita pelo jornalista na companhia de Bruno Graziano, Milton Leal e Raoni Gruber.

Todas as vezes que se tenta atribuir sentido ao local, ele ganha sentido que o inferioriza, mantém a ideia de exotização e o conserva à margem da história. Isso acontece ora porque o processo de conceituação é feito pelo ‘outro’, o ‘estrangeiro’, aquele que não conhece muito bem a localidade a ser definida e a quem não interessa esclarecer certos aspectos, ora porque a conceituação é feita pelo autóctone, que já tem internalizado alguns conceitos atribuídos pelos “outros” como sendo verdades contundentes (QUEIRÓS; MENDES, 2018, p. 29).

Uma das características históricas do estado do Acre é ser um lugar exótico. No dizer de Luciana Murari (2009), o exotismo é a imaginação do diverso como forma alternativa de percepção do mundo, manifestando-se tanto no espaço quanto no tempo. A autora diz ainda que o exotismo não produz uma compreensão perfeita do objeto, mas permite a imediata percepção daquilo que não é possível apreender. Esse pensamento corrobora com as compreensões disseminadas pelas narrativas midiáticas sobre a Amazônia acreana.

Essas narrativas distópicas são, frequentemente, enfatizadas não só pela mídia, mas também pela literatura⁵, a história⁶ e diversos outros campos/áreas de conhecimento, evidenciando o preconceito quanto a essa origem geográfica. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Junior:

O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre

⁵ Ver obras literárias como *Inferno Verde*, de Alberto Rangel; *Seringal*, de Miguel Jeronymo Ferrante; *Coronel de Barranco*, de Cláudio de Araújo Lima; *Terra Caída*, de José Potyguara, que enfatizam, entre outras questões, uma Amazônia brasileira mítica, as relações ser humano/natureza e a dicotomia paraíso/inferno. Para a pesquisadora Laélia Rodrigues da Silva, “Através da literatura, a Amazônia apresenta-se como uma realidade cujos limites mais amplos são fixados pelas falas que foram construindo durante séculos a ideia de que, nela, toda experiência humana está de algum modo envolta no mistério da floresta e das águas. A linguagem denuncia que qualquer olhar sobre essa terra está contaminado pelos mitos e lendas que se incorporam à invenção do paraíso e do inferno verde” (SILVA, 1998, p. 23).

⁶ A Amazônia é uma área construída pelo pensamento externo aos que nela vivem. A região tem sido pensada desde o processo de colonização no século XVI, através de imagens construídas pelos primeiros cronistas e cientistas europeus, sobre o que eles entendem a respeito da região e de suas gentes. “Entre todos, esses são os mais conhecidos e referenciados: Cristobal Acuña (Novo descobrimento do grande rio das Amazonas); Charles-Marie de La Condamine (Descendo o rio das Amazonas); Alexander Von Humboldt (Quadros da natureza); casal Agassiz (Viagem ao Brasil); Alfred Wallace (Viagens pelos rios Amazonas e Negro) e, Henry Bates (Um naturalista no rio Amazonas)” (SILVA, 2013, p.205).

mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p.11).

Diante disso, o objetivo do presente estudo é analisar as representações sobre o Acre produzidas pela página do Facebook intitulada DesACREditados, com destaque para 36 memes⁷ que apresentam o estado como um local habitado por dinossauros. A página DesACREditados foi criada em dezembro de 2014 pelos acreanos Lucas Dutra e Wesley Santos, e tinha 136.735 seguidores no Facebook, mais de 73 mil no Instagram até o dia 08 de maio de 2021, quando esse levantamento foi feito.

É sabido que a página se alimenta do humor e usa a ironia como um dos seus principais recursos de linguagem, mesmo assim, compreende-se, também, que o meme é uma narrativa que se espalha muito rapidamente nas redes sociais digitais e não está isenta de (re)produzir representações e estereótipos. Dito de outro modo, “Os memes, no entanto, são *serious business*, em particular porque a produção de sentido operada por eles explicita eventuais flutuações da opinião pública a respeito de um dado tema” (TOTH; MENDES, 2016, p.213).

A metodologia usada nesta pesquisa é a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin, e se organiza nas seguintes etapas: pré-análise (organização propriamente dita – escolha dos documentos, formulação das hipóteses, objetivos); exploração do material (codificação, decomposição ou enumeração, em função das regras previamente formuladas); e, por fim, categorização (divisão dos textos em grupos) e interpretação do material coletado.

Os 36 memes foram coletados nas imagens em arquivo da página DesACREditados no Facebook. Foram selecionados todas as imagens encontradas com dinossauros no período de 2014 até 2020. Essas imagens foram assim categorizados: 1. Seguidores (2 memes); 2. Cotidiano (2 memes); 3. Ser acreano (15 memes); 4.

⁷ Segundo a pesquisadora Raquel Recuero (2007), meme é um conceito cunhado por Richard Dawkins, em seu livro “O Gene Egoísta” (1976). A partir de uma abordagem evolucionista, Dawkins compara a evolução cultural com a evolução genética, onde o meme é o “gene” da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas. Para a autora, é preciso que o meme influencie o comportamento dos indivíduos para gerar replicação, por imitação.

Personagens famosos (4 memes); 5. Pontos turísticos de Rio Branco (5 memes); 6. Rivalidade Acre-Rondônia (6 memes); 7. Dinossauros nos supermercados (2).

Neste artigo, o estudo concentra-se apenas na categoria Ser acreano, que nos interessa diretamente nesta pesquisa e é também a que reúne a maior quantidade de memes. Dos 15 memes coletados, 3 se repetem em anos diferentes, reduzindo o número para 12 memes analisados. Dessa forma, as seis subcategorias ficam assim reorganizadas na categoria Ser acreano: 1. Cuidar de dinossauros (3); 2. Jurassic Park (1); 3. Indígenas/animais (5); 4. Dia dos pais (1); 5. Extinção dos dinossauros (1); 6. Antes e depois (1).

2 REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMAZÔNIA BRASILEIRA ACREANA

De acordo com Stuart Hall (2016), a prática da representação passou a ocupar lugar no estudo sobre a cultura, sendo essencial no processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados. “Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (HALL, 2016, p. 31). Hall (2016) destaca em suas ideias que o sentido não é inerente às coisas e ao mundo. “Ele é construído, produzido. É o resultado de uma prática significativa, uma prática que produz sentido, que faz os objetos significarem” (HALL, 2016, p. 46).

O conceito de representação de Stuart Hall nos ajuda a entender e pensar sobre a Amazônia brasileira acreana. De um modo geral, a Amazônia acreana é vista como um lugar exótico, vazio⁸, distante, que pode ser ao mesmo tempo inferno e paraíso, e quando é ocupada, é por ditos “incivilizados” – indígenas e não indígenas. Gerson Albuquerque (2016) enumera algumas outras expressões que dizem sobre a região de um modo geral:

Dentre tais expressões/conceitos é possível destacar: vazio, deserto, silêncio, distante, selvagem, sertão, bárbaro, inculto, indolente, sensual, violento, isolado, intrafegável, chuvoso, incivilizado, atrasado, lento, parado, monótono, irreal, fantástico, insalubre, infernal, entre outros, instituídos de modo aparentemente paradoxal aos seus “opostos”: paraíso,

⁸ A Amazônia não era um vazio demográfico. No século XVI, ela já “era habitada por um conjunto de sociedades hierarquizadas, de alta densidade demográfica” (SOUZA, 2001, p.23).

maravilhoso, belo, salubre, eldorado, pulmão do mundo, celeiro do Brasil, sustentável.

Dentre essas palavras/conceitos destacamos a noção de ‘vazio’, que se constituiu como um dos mais poderosos mitos de justificativa para toda a sorte de violências físicas e simbólicas no processo de expansão da economia, política, religiosidade, organização social, das artes e línguas europeias para essa parte dos mundos não-europeus. Mundos esses visualizados/tratados como vazios, mas não de mulheres e homens, e sim de humanidades e culturas, de capacidade de pensar e raciocinar, no dizer de Nelson Maldonado-Torres (ALBUQUERQUE, 2016, p. 81).

Apesar disso, o autor ressalta que a Amazônia brasileira, incluindo a parte acreana, não “estava ali desde sempre, como obra da natureza acabada” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 79). Todos os termos atribuídos ao longo da história dialogam, portanto, com os primeiros escritos a respeito da região a partir do século XVI. As representações sobre o Acre também foram sendo criadas e mantidas ao longo do tempo e dos processos históricos: “foram sendo produzidas imagens, metáforas e tratados científicos sobre ‘sociedade’ e ‘natureza’ que concorreram para a ‘invenção da Amazônia’ enquanto região homogênea” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 80).

Esse processo de produção de imagens e metáforas homogeneizadoras acontece com os estados do norte brasileiro, o que inclui o Acre. Francisco Bento da Silva (2013), citando o escritor H. Hall Caine, destaca que a região do Acre era vista no início do século XX como um lugar onde havia “couto para todas as misérias da humanidade” (2013, p.198). Silva explica ainda que a expressão “ir para o Acre” era algo ruim já no início do século passado: “O termo associava a região, seu clima, suas doenças endêmicas e as dificuldades de acesso como uma ida sem volta. Um túmulo em sentido literal e figurado, senão para todos, mas para a grande maioria que por lá aportava” (2013, p.200). O autor afiança também que o Acre era a “Sibéria tropical”, local dos “desterrados”, ou seja, daqueles homens e mulheres que possuíam “predicados considerados negativos” (SILVA, 2013, p. 203).

Simone de Souza Lima também discorre sobre os “desterrados” em sua obra *Amazônia Babel: línguas, ficção, margens, nomadismos e resíduos utópicos*. Para a autora, o local é “malsinado” e “solitário”:

a região [Acre] aparece nos discursos como lugar malsinado, local de desterro, isto é, ‘deserto’ isolado, de profunda solidão – para onde podiam ser exilados homens e mulheres a fim de purgarem seus erros. Aqueles que por alguma razão deixavam sua terra natal, os *desterrados* – ao

caminhar pelos lugares acrianos⁹ traziam a alma em luto (LIMA, 2014, p. 239).

No tocante à Amazônia acreana, as representações aparecem no contexto discursivo como aquilo que Soares chama de um “cenário” dado como “normal” ou “padrão”, e de forma naturalizada (SOARES, 2009). “As intervenções invisíveis do autor de um discurso são potencialmente capazes de influenciar de maneira sutil as percepções sobre pessoas, gêneros, grupos sociais e categorias”, e isso contribui “para o estabelecimento ou fixação de estereótipos” (SOARES, 2009, p. 20).

Dessa forma, os memes, estudados na presente pesquisa, ajudam a influenciar o comportamento dos indivíduos por meio da replicação (RECUERO, 2007), contribuindo para a construção/manutenção de representações e estereótipos, principalmente, no caso da população do estado do Acre, que é apresentada como sendo formada por dinossauros, animais e indígenas. Todos postos na mesma proporção. Como dito por Chagas e Toth, “se um determinado tipo de conteúdo [meme] faz sucesso e viraliza no ambiente das mídias sociais, chances há de que ele incute uma certa percepção de um indivíduo ou um grupo de indivíduos sobre a realidade social” (2016, p.211).

O potencial comunicacional dos memes e a sua possibilidade de reprodução em grande escala ajuda na construção e manutenção de estereótipos, como dito antes. De acordo com o pensamento de Durval Albuquerque Junior (2012), estereótipos são esboços rápidos, que nascem de “uma caracterização grosseira, rápida e indiscriminada do grupo estranho; este é dito em poucas palavras, é reduzido a poucas qualidades que são ditas como sendo essenciais” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 13).

O mesmo pensa Homi Bhabha quando diz que os estereótipos também podem ser vistos como uma forma particular e fixada (BHABHA, 2013), que facilita as relações coloniais de poder. De acordo com Bhabha: “o estereótipo é ao mesmo tempo um substituto e uma sombra”. Ele revela, portanto, “fantasias mais selvagens (no sentido popular da palavra) do colonizador”, que demonstra sua “posição de

⁹ De acordo com o último Acordo Ortográfico a palavra “acriano” é grafada com “i”, como escrito por Lima (2014). Todavia, as autoras deste artigo optam pela grafia com “e” fundamentada por uma decisão do Governador do Estado do Acre, Tião Viana, em 2016, que estabeleceu a escrita “acreano” com “e”, como sendo o gentílico oficial por meio da lei nº 3.148. A elaboração e aprovação da se deu após uma consulta pública em que a maioria dos votantes optou pela permanência da escrita deste adjetivo com “e”.

dominação” (BHABHA, 2013, p. 140). Dito de outro modo, usar memes sobre o Acre com a presença de dinossauros, animais selvagens e indígenas ambientados na floresta é uma forma de normalizar aspectos enfatizados ainda no processo de colonização da região amazônica brasileira sem que haja possibilidade de se rever molduras e/ou readequar formas de ser nesta região.

E os dinossauros, o que tem a ver com a história?

Desde o seu processo de colonização, a Amazônia brasileira é narrada de forma mítica com destaques para os seres encantados, tais como: as Amazonas e a lenda do Eldorado, a Iara – rainha das águas, o caipora, o curupira, o boto, entre tantos outros¹⁰. Na ausência de animais grandes, as lendas e os mitos povoaram o imaginário sobre a região junto a outras temáticas:

Os pontos em comum das diversas cartas-relações que percorreram a Europa falavam do clima invariável, doce e primaveril, da umidade do ar, da enorme quantidade de *insetos e répteis gigantes*, dos metais preciosos, da flora magnífica e da *falta de animais de poder grande como os africanos*, das Amazonas, das guerras, da inexistência de pelos no corpo dos nativos, da antropofagia, da frigeidez e/ou sensualidade, vigor e/ou debilidade do autóctone (GONDIM, 2007, p.79, grifo nosso).

No dizer de Ana Pizarro (2012), os viajantes/cronistas vão encontrar na região o que o imaginário deles já havia criado, antes mesmo de saírem da Europa: “Para o viajante, o que espera ver e encontrar já havia sido ditado por suas leituras, seus temores, suas fantasias, toda a informação fabulosa que reuniu em seu meio” (2012, p. 67). E completa a autora: “Daí sairá o imaginário de *gigantes*, anões, a monstruosidade do cinocéfalo, do bispo do mar, dos homens com rabo, dos orelhões” (PIZARRO, 2012, p. 67-68, grifo nosso).

No século XXI, o Acre ainda guarda esse “tom fantástico” (GONDIM, 2007, p.101) narrado pelos primeiros viajantes. E a ideia de que o Acre é habitado por

¹⁰ As Amazonas são guerreiras supostamente avistadas pela primeira vez no interior da floresta por Francisco de Orellana. A Iara deriva da lenda grega da sereia, a rainha das águas da Amazônia. Ela é uma mulher encantada que vive nos rios, teria metade do corpo em forma de mulher e a outra parte em formato de peixe. O Caipora é um guardião da vida animal, é um jovem indígena que inferniza caçadores que destroem a floresta. O Curupira é um ser encantado, um deus da floresta, que anda pela mata protegendo a fauna e a flora e punindo quem as põe em perigo. Já o Boto transforma-se em homem e encanta mulheres, levando-as para o fundo do rio e engravidando-as (COSTA, 2013).

dinossauros dialoga com a ideia da presença de seres inusitados que habitam uma região cercada por água e floresta, caso das mulheres guerreiras de seios decepados, de Frei Gaspar de Carvajal; dos “morcegos imensos, peixes-boi, tucanos, borracha, macacos, cobras, pororoca”, de Charles Marie de La Condamine (GONDIM, 2007, p. 157); e dos “índios gigantes” narrados por Acuña (GONDIM, 2007, p. 126).

O termo gigante, a propósito, permeia as narrativas sobre a Amazônia brasileira e acreana. Na citação de Gondim mencionada anteriormente, a autora fazia referência aos “répteis gigantes” (2007, p.79) que apareciam nos textos dos viajantes europeus no processo de colonização da região. Mas o termo persiste em outras narrativas contemporâneas, caso da reportagem jornalística de Vinícius Dônola sobre os Ashaninka na fronteira entre o Acre-Brasil/Peru que foi ao ar na Record TV, em 2013. O jornalista denomina os indígenas Ashaninka de gigantes da floresta, sendo que apenas dois indígenas da comunidade visitada têm altura superior a 1,80m.

A palavra gigante também aparece em postagem no blog *Eu na Floresta*, publicado no site do *Estadão* pela jornalista Maria Fernanda Ribeiro. Ela fez uma viagem pelos estados da Amazônia brasileira entre os anos de 2016 e 2019. Logo, no primeiro mês de viagem pela região, a jornalista discorre sobre a existência de insetos, artrópodes e répteis, enfatizando cada um deles com o uso dos adjetivos “grande, gigante, surreal”:

– Todos os bichos aqui foram criados com fermento. E tem barata, tem rato, tem aranha pequena, tem *aranha grande*, tem *grilo gigante* e *iguana surreal*. Legal não dar escândalo ao se deparar com nenhum deles. Quem quer natureza, tem natureza. E ela é incrível e respeitosa. Seja também (RIBEIRO, 25 de agosto de 2016, grifo nosso).

A página do Facebook DesACREditados é mais uma mídia que propaga representações e o imaginário sobre o estado do Acre, partindo de conceitos já dados historicamente sobre a localidade. A página de humor usa como imagem de capa um dinossauro no centro do que seria a bandeira do Acre.



Figura 1: Foto de capa do Facebook DesACREditados. Disponível em: <https://www.facebook.com/desacreditadosoficial/photos/a.415432101938414/983400005141618>. Acesso em 16 de maio de 2021.

Observam-se nos 12 memes analisados a seguir algumas características que confirmam o dizer sobre o território desde o seu processo de formação no final do século XIX e início do XX¹¹. Esse dizer está diretamente relacionado com o modo como a Amazônia brasileira é narrada desde o século XVI. Na primeira subcategoria intitulada “Cuidar dos dinossauros”, foram selecionados 3 memes:



Figura 2: O primeiro meme foi publicado em 2 de outubro de 2016, o segundo em 14 de janeiro de 2018 e o terceiro em 29 de junho de 2016.

A sequência de memes evidencia o discurso de que os médicos veterinários no Acre são acostumados a cuidar de dinossauros e não de cachorros, gatos, entre outros, sendo os animais pré-históricos tratados, inclusive, como domésticos e/ou alvo fácil de serem caçados. Como citado em outras passagens neste artigo, há uma repetição de ideias nas narrativas sobre o Acre e, nas redes sociais digitais, há uma narrativa de que o Acre não existe, por isso, vinculá-lo a seres que também não existem pode gerar uma

¹¹ O Acre só passa a Estado em 1962, antes disso era considerado um território brasileiro.

ideia de que o estado e seus habitantes vivem no passado, em momento histórico distinto, e com comportamentos exóticos.

É importante destacar que as imagens de dinossauros não são usadas exclusivamente em memes sobre o Acre, mas quando isso acontece alguns sentidos podem ser inferidos. Como exemplo do uso de dinossauros em outros contextos, cita-se o dinossauro verde usado para gerar reflexão no leitor: “O dinossauro verde viralizou na internet e são demasiados os memes em que ele apareceu, como um pensador, realizando reflexões sobre os mais diversos temas sociais e cotidianos” (SANTOS; VELOSO, 2020, p.272).



Figura 3: Meme publicado na página dos DesACREditados em 17 de junho de 2016.

Na segunda categoria intitulada “Jurassic Park”, observa-se um meme que faz menção ao lançamento de um filme da franquia de mesmo nome, que é composta por 5 obras: *Jurassic Park* (1993), *The Lost World: Jurassic Park* (1997), *Jurassic Park III* (2001), *Jurassic World* (2015), *Jurassic World: Fallen Kingdom* (2018). No caso, a primeira publicação do meme na página DesACREditados foi em 17 de junho de 2016, ou seja, no ano seguinte ao lançamento do quarto filme.

Assim como nos memes anteriores, essa imagem também enfatiza a ideia de atraso, o que permeia historicamente a existência de toda a Amazônia brasileira, sobretudo, o Acre. Culturalmente, o estado também é visto da mesma maneira, como um local em constante retrocesso quando comparado aos estados considerados modernos e que fazem parte do centro econômico do país – Rio de Janeiro e São Paulo.

Na terceira subcategoria – “Indígenas/animais”, há 5 memes, que serão expostos a seguir:



Figura 4: O primeiro meme foi publicado em 6 de novembro de 2016 e o segundo em 22 de julho de 2015.

No primeiro meme, há a seguinte frase: “o que as pessoas pensam quando digo que sou do Acre”. Para responder a indagação, a imagem mostra indígenas, onça, rádio, dinossauro. E na segunda imagem aparecem dois quadros com a seguinte frase: “Acre – como pensam que é/como é”. Nos quadros é possível observar a presença de um dinossauro e de dois indígenas.



Figura 5: Meme publicado em 19 de junho de 2016.

Na figura 5, o meme retoma a ideia de que pensar no Acre é pensar em dinossauro, cobra, onça e indígena¹². A palavra Acre é apresentada com sentido fechado, único e previamente definido, sem as nuances e sem as pluralidades sociais e culturais existentes. Certamente, um único meme não conteria todas as diversidades de culturas existentes sobre o estado, mas o questionamento que se faz neste estudo é sobre

¹² A atriz estadunidense Skai Jackson que virou meme em 2016 ao publicar uma foto nas redes sociais aparece no meme sobre o Acre com um adorno indígena na cabeça ao lado de animais selvagens que comumente são associados à vida na Amazônia.

a não diversidade de narrativas criadas pelos memes selecionados nesta página específica.

Cabe aqui uma reflexão também sobre a atribuição de sentido que é dada aos povos indígenas. Nos três últimos memes, eles são apresentados de forma homogênea, sendo tratados como iguais a animais pré-históricos e selvagens. Essa construção de sentido invisibiliza as identidades indígenas e segue inferiorizando as mais diversas etnias que contribuíram e contribuem para a formação da Amazônia brasileira acreana. Apesar disso, Wesley Santos afirma o contrário: “Quando utilizamos esse tema sempre é no intuito de valorizar a cultura deles e incluir e representar todos os acreanos independente de sua etnia. O Acre é constituído por todos”¹³.

De acordo com o pensamento de Miguel Nenevé e Sônia Sampaio (2015), muitos discursos – ilustrados nesta pesquisa pelos memes – não se preocupam em tratar sobre a diversidade e a dinâmica das culturas que povoam as Amazônia/Acre. Os autores destacam a necessidade de pensar a multiculturalidade dessa região: “Sim, existem povos indígenas, existem sistemas antigos de povoamentos pré-colombianos, como também existe uma Amazônia multiétnica, multicultural, que passa por uma mudança dinâmica” (NENEVÉ; SAMPAIO; 2015, p. 20).

A seguir mais dois memes da subcategoria “Sou do Acre”:



Figura 6: O primeiro meme foi publicado em 12 de fevereiro de 2018 e o segundo em 21 de setembro de 2017.

Esses memes contestam a suposta homogeneização sofrida pelos moradores do estado, pontuando que no Acre nem todos somos iguais, pois há acreanos/animais

¹³ Informação contida no questionário respondido as autoras em 26 de abril de 2021.

variados: jacaré, capivara e dinossauros¹⁴. No segundo meme da figura 6, a imagem enfatiza que só o próprio acreano pode rir de si mesmo, os “outros”/os “estrangeiros” não estão autorizados a fazê-lo.

Ao longo dos últimos cinco séculos, a ideia de Amazônia foi construída, predominantemente, pelo pensamento externo aos que vivem nela, por isso, o desconforto apresentado no meme pelo acreano – configurado como um dinossauro – ao ser “zoad” por alguém alheio ao local. O conceito de Amazônia é, portanto, resultado de uma construção discursiva (PIZARRO, 2012), o que se aplica obviamente ao estado do Acre.

Apesar de a região abranger nove países plurais e muito diferentes entre si (Brasil, Peru, Colômbia, Bolívia, Equador, Suriname, Venezuela, Guiana e Guiana Francesa), ela é historicamente narrada de forma singular, homogênea e uniforme, é como se a paisagem fosse única e todos os povos que ocupam esta porção de terra pensassem e se comportassem da mesma forma, sem tensões e/ou diferenças sociais, políticas, históricas, econômicas, culturais.

Essas interpretações sobre a região e sua gente ajudam a entender o conceito de “amazonialismo” ou o processo de “amazonização”. Albuquerque (2016) define “amazonialismo” como sendo um “conjunto de conhecimentos ou narrativas que inventa, descreve, classifica, cataloga, analisa de forma supostamente objetiva e mesmo científica a Amazônia, produzindo-a como um lugar no mundo da expansão dos impérios e do imperialismo” (ALBUQUERQUE, 2016, p.77). Segundo o autor, essa leitura ajuda a apagar e/ou modificar memórias, línguas, culturas e histórias da população indígena e não indígena da(s) Amazônia(s).

Já Mendes (2013) considera o processo de “amazonização” como a aceitação das características que são atribuídas pelos estrangeiros à região, a respeito dos amazônidas sem que haja rompimento das dicotomias e estereótipos. “Eles [os amazônidas] passam a viver as dicotomias e os atrasos que são atribuídos à região, acrescentando esses elementos às suas constituições identitárias” (MENDES, 2013, p.113).

¹⁴ O meme faz menção a uma discussão entre duas participantes, que aconteceu no programa televisivo *Big Brother*, em 2018. Naquele momento, havia uma participante acreana, a Gleici Damasceno, que se sagrou campeã naquele ano.

Os dois autores dos memes publicados – Lucas Dutra e Wesley Santos – passam pelo processo de “amazonização” no perfil do Facebook DesACREditados. Dutra, por exemplo, incorpora as narrativas postas a respeito do estado, acreditando que está combatendo o preconceito com o Acre: “humor consegue amenizar [preconceito] um pouco e valorizar nosso estado”¹⁵. Sabe-se que o humor é uma das funções da internet, segundo Fernando Fontanella. E completa:

Mais do que isso, podemos ousar dizer que, para uma parte significativa dos usuários da rede, esse se tornou um dos seus usos mais cotidianos. [...] Não só um conjunto de práticas humorísticas preexistentes penetrou na internet, mas é possível dizer que diversas formas de humor surgiram da apropriação criativa da tecnologia (FONTANELLA, 2011, p.2).

Porém, não se pode negligenciar as construções de sentido da linguagem dos memes ou achar que esse gênero textual serve apenas para este fim sem que haja outras intencionalidades. Uma dessas intenções é o preconceito geográfico sofrido pelos moradores do Acre, que é apresentado no perfil DesACREditados de forma de irônica.

Nas três últimas subcategorias analisadas – Dia dos Pais, Extinção dos dinossauros, Antes e Depois – há um meme categorizado para cada uma delas, como expostos a seguir:



Figura 7: O primeiro meme foi publicado em 14 de agosto de 2016, o segundo em 28 de janeiro de 2018 e o terceiro em 8 de fevereiro de 2017.

O meme sobre o dia dos pais enfatiza/ironiza mais uma vez que o habitante acreano é um dinossauro, por isso a menção aos personagens Dino da Silva Sauro e

¹⁵ Informação contida no questionário respondido as autoras em 26 de abril de 2021.

Baby Sinclair, respectivamente pai e filho na série *Família Dinossauros*, que foi ao ar em 65 episódios, originalmente, entre os anos de 1991 e 1994.

O segundo meme relata a queda de um meteoro que extingue os últimos dinossauros do Acre. A imagem foi publicada na página do Facebook um dia depois de um “clarão” ter assustado moradores do estado. Segundo o G1/Acre, a claridade no céu foi vista “por moradores de Rio Branco, Tarauacá, Feijó, Cruzeiro do Sul, Porto Walter e Rodrigues Alves” (CESAR, 2018). O jornalista consultou os pesquisadores da Universidade Federal do Acre, o Corpo de Bombeiros e a Infraero, mas o motivo do “clarão” não foi identificado oficialmente por nenhuma dessas instituições. A suspeita era de que poderia ser um meteorito ou lixo espacial.

O último meme é a imagem de um dinossauro/acreano em dois momentos históricos distintos 1800 e 2017. O dinossauro está diferente apenas pelo uso de um boné da marca brasileira John John, destinada ao público jovem. A imagem representa a estagnação do povo do estado do Acre, representado pelo dinossauro, apesar da passagem de tempo. Tudo segue inalterado, sem evolução, mudança, progresso. O local continua marcado pelo atraso, marasmo e monotonia.

Em Euclides da Cunha (1999), a Amazônia já era vista de forma singular, monótona, horizontal e dicotômica (paraíso/inferno tropical): “E como lhe falta a linha vertical, preexistente na movimentação da paisagem, em poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inatural” (CUNHA, 1999, p. 1-2). Diante disso, é possível observar que as narrativas sobre este estado se repetem tanto pelos estrangeiros quanto pelos autóctones, mesmo que esses últimos aleguem usar essas representações como forma de resistência, caso dos administradores da página estudada no presente artigo.

3 CONSIDERAÇÕES

O *corpus* deste artigo extraído do perfil do Facebook DesACREditados contribui para a (re)produção de representações sobre o Acre e os acreanos, enfatizando aquilo que já se pensa sobre a Amazônia brasileira desde seu processo de formação. Mesmo que a intenção dos autores da página seja valorizar a cultura local, como afirmaram em

entrevista às autoras deste artigo, a opção por relacionar este estado com a presença dos dinossauros, por exemplo, só enfatiza as imagens e as metáforas já existentes, que marcam os sentidos de vazio, distanciamento, primitivismo, atraso, entre outros aspectos.

Dos 12 memes estudados, três deles fazem menção aos povos indígenas, de modo genérico, como comumente são tratados nas narrativas midiáticas. A representação sobre os povos indígenas é feita de forma homogeneizadora, mesmo que se reconheça a ironia como recurso da página de humor.

Junto aos indígenas, os animais e a floresta seguem sendo importantes marcas identitárias do que é ser amazônida/acreano e morar no Acre, segundo os memes estudados neste artigo. Eles mantêm o elo entre o exotismo e o retrocesso, como quando o perfil DesACREditados publica imagens sobre o lançamento de um filme antigo ou fazem referência a personagens de uma série já finalizada na década de 1990, insinuando que no Acre as novidades demoram para chegar, pois o local vive longe do que se considera moderno e atualizado.

O aparecimento de cobras, onças e jacarés nos memes também reforçam a dicotomia paraíso/inferno verde, tão destacada por Euclides da Cunha na obra *À Margem da História* a respeito da Amazônia brasileira. Na visão projetada pelos memes, o local se mostra perigoso e selvagem para quem não o conhece, local onde coisas inesperadas podem acontecer a qualquer momento, como no caso da queda de um meteoro. Isso quer dizer que no século XXI, o Acre continua sendo o “fim do mundo”, lugar de “desterrado”, para onde se vai e não se volta.

Diante de todas essas significações observadas neste *corpus*, há necessidade de se imaginar o Acre de forma diferente, descolonizando os saberes, as linguagens e as metáforas únicas que organizam identidades, dizeres e representações sobre este estado e sua gente. É preciso reimaginar de dentro, redizer e desdizer, repensar definições e conceitos (NENEVÉ; SAMPAIO, 2015, p. 21) não para romper por completo com todos os registros anteriores, mas para articular outras visões e novas possibilidades interpretativas sobre este “mundo” chamado Acre.

REFERÊNCIAS

AC24HORAS. **Eliane sugere colocar dinossauros na entrada de Rio Branco.**

Disponível em: <https://ac24horas.com/2020/01/09/sinhasique-sugere-colocar-dinossauros-na-entrada-de-rio-branco/>. Acesso em 10 de maio de 2021.

ALBUQUERQUE, Gerson. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, Gerson; PACHECO, Agenor Sarraf. **Uwa'kürü Dicionário Analítico**. Rio Branco – Acre, Editora Nepan, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições70, 2016.

CESAR, Luan. Clarão no céu assusta moradores do Acre. **G1 Acre**. 27 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/clarao-no-ceu-assusta-moradores-do-acre.ghtml>. Acesso em 16 de maio de 2021.

COSTA, Jairo. **Amazônia Fantástica**: os mais extraordinários mitos, lendas e mistérios da grande floresta. São Paulo: Bamboo Editorial, 2013.

DÔNOLA, Vinícius. **A Última Fronteira**: direto do Acre, conheça os índios Ashaninka. 2013, 14'25'', son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8kqGwrcY0Q0&t=97s>. Acesso em: 20 de janeiro de 2018.

FONTANELLA, Fernando. Bem-vindo à Internets: Os subterrâneos da Internet e a cibercultura vernacular. In: **XXXIV Intercom - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Recife, 2011. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1378-1.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2024.

GADELHA, Alcinete. Governo propõe esculpir dinossauros no portal de entrada do Acre e faz enquete na internet. **G1 Acre**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/01/10/governo-propoe-esculpir-dinossauros-no-portal-de-entrada-do-acre-e-faz-enquete-na-internet.ghtml>. Acesso em 10 de maio de 2021.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2007.

JORNALOPINIÃO. Governo desiste de dinossauros e vai usar Plácido de Castro na entrada de Rio Branco. 17 de janeiro de 2020. Disponível em: <http://jornalopiniao.net/governo-desiste-de-dinossauros-e-vai-usar-placido-de-castro-na-entrada-de-rio-branco/>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LIMA, Simone de Souza. **Amazônia Babel**: línguas, ficção, margens, nomadismos e resíduos utópicos. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

LUCENA, Giselle Xavier D'ávila. **O (Acre) não existe**: um estudo sobre identidade, memória e midiaticização. 2014. 151f. Dissertação (Mestrado em Interações Midiaticizadas), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MENDES, Francielle Maria Modesto. **Coronel de barranco**: a literatura no imaginário social da Amazônia no primeiro ciclo da borracha. 2013. 182f. (Tese de Doutorado/História Social), FFLCH/USP, 2013.

MURARI, Luciana. **Natureza e Cultura no Brasil (1870-1922)**. São Paulo: Alameda, 2009.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a reigão. In: ALBUQUERQUE, Gerson; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. **Literaturas e Amazônias**: colonização e descolonização. Rio Branco: Nepan, 2015.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo; MENDES, Francielle Maria Modesto. Caudal identitário: representação, imaginário e estereótipo no documentário O Acre Existe. **Verso e Reverso**, Unisinos, 32(79), p. 25-33, janeiro/abril, 2018. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2018.32.79.03>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

RECUERO, Raquel. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 32, abril de 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3411/2675>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

SANTOS, Lorena; VELOSO, Ivana. A deposição de Dilma Rousseff através dos memes: um olhar sobre a misoginia, machismo e sexismo. **Revista Temporalidades**, Belo Horizonte, Edição 34, v. 12, n. 3, Set./Dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26166/23069>. Acesso em: 15 de abril de 2024.

SILVA, Laélia. **Acre: prosa e poesia (1900-1990)**. Rio Branco: Ufac, 1998.

SILVA JUNIOR, Paulo. **O Acre existe**. São Paulo, [s.n.], 2013, 289 p.

SILVA, Francisco Bento. **Acre, a Sibéria Tropical: destierros para as regiões do Acre em 1904 e 1910**. Manaus: UEA Edições, 2013.

SOARES, Murilo. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

TOTH, Janderson; MENDES, Viktor. Monitorando memes em mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max. **Monitoramento e Pesquisa em Mídias Sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016.

Original recebido em: 06 de setembro de 2022

Aceito para publicação em: 15 de abril de 2024

Francielle Maria Modesto Mendes

Professora Doutora do curso de Jornalismo e da Pós-graduação em Letras, na Universidade Federal do Acre (Ufac).

Jéssica Karoline dos Santos Linhares

Graduada em Jornalismo na Universidade Federal do Acre (Ufac).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional